



BOOKESS

TEMAS CONTEMPORÂNEOS SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA

Luis Roque Klering (organizador)



Ana Maria Souza e Braga | Carlos Alexandre Netto | Christoph Bernasiuk | Dimitrius Samios | Edi
Madalena Fracasso | Fernando Setembrino Meirelles | Jocélia Grazia | Liane Margarida Rockenbach
Tarouco | Margarete Axt | Maria Alice Lahorgue | Norberto Hoppen | Sílvia Maria Rocha | Roberto
Costa Fachin | Sérgio Roberto Kieling Franco | Wraia Maria Panizzi

TEMAS CONTEMPORÂNEOS SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA

Luis Roque Klering (Org.)

Co-autores:

Ana Maria e Souza Braga

Carlos Alexandre Netto

Christoph Bernasiuk

Dimitrius Samios

Edi Madalena Fracasso

Fernando Setembrino Meirelles

Jocélia Grazia

Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Margarete Axt

Maria Alice Lahorgue

Norberto Hoppen

Sílvia Maria Rocha

Roberto Costa Fachin

Sérgio Roberto Kieling Franco

Wrana Maria Panizzi

Florianópolis

BOOKESS

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
CIP-Brasil. Catalogação na fonte

T278 Temas contemporâneos sobre Gestão Universitária [recurso eletrônico] / Luis Roque Klering (organizador). – Florianópolis : BOOKESS, 2013.

ISBN: 978-85-804552-1-2

Está disponível online: <http://www.bookess.com/read/14513-temas-contemporaneos-sobre-gestao-universitaria/>

1. Administração – Gestão Educacional. 2. Planejamento Educacional. I.
Título.

CDU: 378.1

Bibliotecária Responsável: Patricia B. Moura Santos – CRB 10/1914

4 NOVAS ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO

Entrevistado: PROFESSOR SÉRGIO ROBERTO KIELING FRANCO

PROFESSOR LUIS ROQUE KLERING - Vamos conversar hoje com o Professor Sérgio Roberto Kieling Franco, que foi o responsável pela Secretaria de Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, universidade na qual percorreu uma longa trajetória até constituir e consolidar esta Secretaria e esta tecnologia, que se tornarão cada vez mais estratégicas para um ensino mais qualificado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como também em outras universidades que tomam a UFRGS como referência.

Gostaríamos que o Professor nos relatasse como foi a história, as opções e a constituição desta Secretaria, ou seja, desta solução de ensino a distância no âmbito da UFRGS.

PROFESSOR SÉRGIO FRANCO – Em primeiro lugar, queria cumprimentar a todos que estão participando do curso e do registro das atividades da Universidade.

A história da educação a distância na UFRGS tem uma trajetória um pouco *sui generis*. Ocorre dentro de uma visão de ação administrativa não centralizada, mas partindo das ações individuais.

Essa história começa em 1999 quando as Pró-Reitorias de Graduação e de Pós-Graduação na época resolvem chamar as pessoas que trabalhavam com educação a distância, ou com alguma coisa relativa à educação a distância, ou que tinham algum interesse com educação a distância, para trocarem idéias.

A partir disso, surge a necessidade de que essa troca de idéias seja sistematizada e, então, surge uma solução que seria criar um “Fórum de educação a distância”. Este fórum foi inspirado em outro processo exitoso na Universidade, que foi o Fórum das Licenciaturas.

Este fórum passou a se reunir mensalmente, e esta troca de idéias começou a tomar corpo no sentido de que era importante, já então, buscar-se uma ação efetiva da Universidade para que a educação a distância pudesse desenvolver-se dentro dela.

Com isso, surgiu uma idéia, que era a do fomento interno. Com os recursos que a Universidade tinha, começou-se a abrir, editais para fomentos de educação a distância.

Esses editais internos ajudaram a alavancar muito o processo, e esses vários grupos começaram a se organizar não só como grupos que discutiam ou faziam alguma coisa, mas começaram a ver que precisavam articular-se entre si.

Na medida em que isso foi crescendo - houve um primeiro edital, houve um segundo edital -, viu-se que era importante que houvesse uma institucionalização da educação a distância. Afinal, a educação a distância envolve tanto o aspecto do ensino geral, como também o suporte tecnológico, envolve a questão da extensão universitária, envolve pesquisa a ser feita. Então, era importante colocar isso de uma maneira mais institucional. E o próprio fórum foi chegando à conclusão de que era importante criar uma instância dentro de Universidade que desse conta disso.

Havia algumas alternativas: delegar a alguma unidade da Universidade, aproveitar um Centro Interdisciplinar, como o CINTED - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, que poderia assumir essa função, ou fazer como outras universidades fizeram, que era criar um centro, um núcleo pesado, forte, que centralizasse a tecnologia, centralizasse os estudos pedagógicos, centralizasse a ação da educação a distância.

Como é próprio da UFRGS, que não é afeta a coisas muito centralizadas - temos pesquisa de ponta e ações pedagógicas de ponta espalhadas por dentro da universidade -, viu-se que a melhor decisão era não fazer um núcleo centralizado, mas apenas dar uma articulação melhor às ações que existiam. E daí a idéia de uma Secretaria que fosse executiva, mas não executora, uma Secretaria que ajudasse esses grupos a se articularem, desse um corpo maior, criasse um planejamento de como se poderia seguir a educação a distância dentro da Universidade, ao mesmo tempo permitindo que esses vários grupos pudessem fazer as suas ações, pudessem manter a sua criatividade, sem criar uma uniformização. Foi, então, que a Reitoria abraçou a idéia e instituiu a Secretaria com *status* de Pró-Reitoria para que pudesse fazer este trabalho de articulação.

Importante é que a administração universitária, especialmente numa universidade pública, jamais pode ser uma administração em cima de decisões centralizadas. Se a decisão não é compartilhada, não adianta tomar decisões, não adianta termos grandes idéias, porque elas não vão acontecer.

E se mostrou que a educação a distância deu um pulo enorme tanto em termos de quantidade de projetos como em qualidade de projetos em função dessa forma de articulação, dessa forma de institucionalização. Cria um órgão ligado à Reitoria, um órgão que tem uma

interface muito importante junto às Pró-Reitorias acadêmicas, de Extensão, de Ensino, com graduação e pós-graduação, de Pesquisa, com a Coordenadoria de Ensino Básico e Profissional, com a Secretaria de Avaliação, ou seja, cria um órgão que está muito integrado dentro de todo o corpo administrativo acadêmico da Universidade e, ao mesmo tempo, com uma interface muito forte com os vários grupos de projetos de unidades que estão fazendo alguma coisa.

Com isso, estou dizendo que se criou a Secretaria de Ensino a Distância, mas ao Fórum de Educação a Distância não só se deu continuidade, como ele se tornou o principal meio de a própria Secretaria fazer a política do ensino a distância, espaço em que a Secretaria passou a discutir os caminhos que a Universidade deveria tomar na educação a distância.

Então, a Secretaria ficou de uma maneira muito privilegiada, apoiada dentro da Administração Central da Universidade por todas as Pró-Reitorias, especialmente as acadêmicas, e também pelos professores, funcionários e alunos que trabalham, que estão com a mão na massa na educação a distância, ajudando a formar essa política.

E aí começamos a ter algumas ações mais concretas que mostram essa caminhada. Uma das decisões no terceiro edital, criado já com a vigência da Secretaria, foi a de, além de apoiar ações de desenvolvimento e criação de produtos de educação a distância, apoiar o desenvolvimento de uma plataforma institucional de educação a distância, um trabalho muito interessante.

PROFESSOR LUIS ROQUE KLERING - Que gerou antes uma discussão muito longa sobre se deveríamos usar uma plataforma externa, pronta, ou se deveríamos desenvolver soluções nossas, alguma plataforma - aliás, não uma, estamos desenvolvendo de fato duas no âmbito da universidade - que, de certa forma, revelasse a cara da Universidade, que não aceitasse lisamente uma solução ou estrutura pronta de fora.

Isso gerou discussão, e muitos até acharam, na definição dessa política, que nós estaríamos perdendo tempo em relação a outras universidades que tomaram decisões mais centrais, mais fortes, mais autoritárias, e caminharam por uma linha.

A solução que nós tomamos, mais alternativa, menos dependente de fora, embora com riscos também, foi a solução correta, olhando agora já de um ano para trás?

PROFESSOR SÉRGIO FRANCO - Um ano ainda é um espaço curto, e, como diz a Reitora Wrana: a história nos julgará.

Vejo que a decisão tomada pelo Fórum de Educação a Distância e aceita e implementada pela Secretaria e pela Reitoria foi a de que não fecharíamos questão nem numa plataforma institucional nem numa plataforma comercial, mas que deveríamos desenvolver algo próprio, afinal, a nossa Universidade é uma instituição de desenvolvimento de tecnologia e de pesquisa de ponta, então não há por que ela ficar à mercê de outras situações.

Como a idéia era a não-centralização, o melhor era que se aproveitasse aquilo que já estava sendo desenvolvido. E tínhamos dois grupos desenvolvendo de maneira maciça a questão da plataforma, que era um grupo da Faculdade de Educação, o NUTED, liderado pela Professora Patrícia Aguiar, e, na Escola de Administração, o grupo NAVI, liderado pelo Professor Klering.

Então, o que se viu? Vamos desenvolver o que se tem e não se fecha questão quanto à aquisição de alguma plataforma pronta, o que, aliás, depende de recursos, e que é muito mais complicado, o recurso é maciço, há problemas na parte da plataforma autodesenvolvida, e um problema sério é a questão de suporte - hoje, o desafio que a Universidade está enfrentando é constituir uma equipe de suporte, inclusive se estuda a possibilidade de incubar uma empresa que possa dar esse suporte, mas, no caso de uma plataforma que fosse comercial, teríamos o suporte já garantido. Só que o custo desse suporte é outra história.

Em contatos que tivemos com algumas instituições, e não pequenas, algumas empresas grandes, em relação a uso de plataformas já comerciais, já desenvolvidas e, de certo modo, já estabilizadas, percebemos que temos certas necessidades que os grandes clientes das plataformas comerciais não têm, porque os grandes clientes das plataformas comerciais são as empresas, são as áreas de formação de pessoas nas empresas, e aqui, na Universidade, temos a questão de formação de pessoas, mas temos certas peculiaridades, como, por exemplo, nas áreas das Ciências Exatas, o uso de *softwares* de matemática, que, normalmente, não estão incorporados nas plataformas comerciais. Na área de Artes, trabalhos com imagens, com som, que normalmente não estão contemplados nas plataformas comerciais. E também a maneira como se faz a própria transmissão de informações e como se implementam discussões dentro da Universidade não são maneiras que normalmente se têm no treinamento de pessoal.

Muitas vezes vai-se olhar que a solução que o NAVI tem na área de uso de imagem, de vídeo-conferência, é uma solução que normalmente as plataformas comerciais não têm: a maneira como integra a transmissão de imagem com o *chat*, que é uma possibilidade de interação maior que passa a ter, porque, quando se pensa em vídeo-conferência, temos problemas ou de velocidade, ou de transmissão, ou tem-se que trabalhar com *softwares*

diferentes, e aqui se tem uma idéia de integração de *softwares*, e, no caso do projeto do NUTED, da Faculdade de Educação, a idéia era principalmente fortalecer os instrumentos de discussão que se fazia em linguagem escrita mesmo, não em vídeo-conferência, mas fóruns de discussão, listas de discussão, a forma de fazer os *chats*, de maneira que a gente pudesse aproveitar isso dentro de um processo acadêmico.

Parece-me que foi uma grande saída da Universidade optar por esse autodesenvolvimento.

A pergunta que logo fazem: então por que estão desenvolvendo duas e não fazem uma só? É exatamente a pluralidade da Universidade. Eu diria que o meu sonho pessoal e um pouco o que todos almejam é que se venha a poder ter uma integração tal que o usuário se sinta dentro da UFRGS quando está ligado pelo computador, sinta que os processos da Universidade estão funcionando, e para ele não é importante se se está usando ferramentas desenvolvidas pelo NAVI ou pelo NUTED.

Estamos caminhando no sentido de que inclusive outras plataformas possam vir a se integrar a essas, como o TelEduc, desenvolvido pela UNICAMP, como o ProInfo, desenvolvido pela Secretaria de Educação a Distância do MEC, ou seja, criar uma possibilidade realmente de pluralismo.

Veja que um dos grandes problemas que acontece na educação a distância, não só em termos de Brasil, mas em geral nas universidades do mundo todo, é que se cria uma visão única.

Sou da Faculdade de Educação, da área da Educação, e se vê que não se pode ter unanimidade em pedagogia, não se pode pensar que todos os professores vão dar aula do mesmo jeito. Eu acho, até por fundamentação teórica, que determinadas interpretações dos processos pedagógicos são melhores e isto geraria uma prática melhor, mas há outros professores que têm outras visões, e isso, dentro de uma universidade, precisa ser contemplado, respeitado.

Esse processo plural foi uma saída, que - a história nos julgará -, a princípio, acho que é o caminho certo.

PROFESSOR LUIS ROQUE KLERING – Uma discussão que havia na época, há um ano atrás ou há um pouco mais, era se as soluções tecnológicas na área de ensino a distância repetiriam a história de editores de texto. Lembro-me que alguns colocaram que não, que a questão é realmente muito mais ampla, diversificada; as demandas necessárias são

muito maiores do que num *software* operacional como um editor de texto. Entram em jogo equipamentos, *Internet*, várias soluções, inclusive de conversação. Normalmente, um *software* colocaria disponível uma outra forma de comunicação.

Hoje, no próprio âmbito da Universidade, há vários tipos, temos os *chats* mais diversos, com as suas formas de estruturação. Portanto, são as mais diversas soluções, não é uma solução única, direcionada, fixa.

Um outro aspecto importante que acho que está de certa forma nos respondendo positivamente é que, como se optou que essas plataformas seriam disponibilizadas em *softwares* livres, realmente, a comunidade de discussão e de desenvolvimento ultrapassa largamente até as paredes da Universidade. Está aí o Professor Palazzo colocando já em discussão pública, internacional, o ambiente disponibilizado por sua equipe e que recebe já contribuições universais. Então, não é um *software* proprietário fechado, em uma linguagem inacessível, em que qualquer erro precisa ser resolvido com permissão e geralmente via interação burocrática demorada. Já ocorreram situações de universidades que tiveram que parar as aulas aguardando soluções de *software*; por outro lado, uma solução multivariada calcada em *software* livre pode parar de repente uma parte, mas não o conjunto todo.

Essa foi uma decisão bastante feliz. O *software* livre está mostrando mais força, mostrando que veio para ficar.

PROFESSOR SÉRGIO FRANCO – A flexibilidade que o *software* livre dá é a sua grande vantagem. Alguns desenvolvimentos na área dos *softwares* livres são mais lentos, mas nem sempre a solução rápida é a solução ideal. Se observarmos o desenvolvimento que o *Windows* teve, para colocar o sistema operacional mais popular, vê-se que havia uma demora para ligar os computadores antigos - eu até cronometrava e levava 10 segundos para se poder começar a usar - e hoje se leva 5 minutos, quando não está muito carregado, que aí leva muito mais tempo.

São soluções que se teve, e sabemos que poderia não ser assim. Então a vantagem do *software* livre é que às vezes o desenvolvimento é mais lento, mas encontra soluções que acabam sendo mais ágeis. E a Universidade precisa estar aberta para todos os tipos de situações.

Em nenhum momento se chegou à decisão de que não se deve usar *software* proprietário, pensou-se em priorizar o *software* livre no desenvolvimento, e pode-se um dia adquirir uma plataforma de educação a distância que seja proprietária, não tem em si

problemas, o que não pode ocorrer é a Universidade como um todo ser obrigada a adotar uma só solução. Na minha opinião, penso que este é o grande ganho que a UFRGS teve nesse processo todo: a diversidade.

Quanto estive a equipe do MEC aqui para analisar as condições internas para que fôssemos credenciados para a educação a distância, a primeira reação foi um pouco de susto. Até brincavam comigo: "Como é que tu vais conseguir articular tudo isso? Como tu vais fazer tudo funcionar se é tão diversificado?". Mas essa é a história da UFRGS. A história da UFRGS é a diversificação. E hoje somos respeitados no Brasil inteiro e somos referência, como no caso da Informática, fora do Brasil, temos núcleos superimportantes que têm trazido grandes inovações.

O principal que vejo neste processo todo é que, da maneira como se começou a trabalhar, ao invés de se criar ilhas dentro da Universidade, que era o risco que se corria, a integração entre esses diversos núcleos começou a acontecer. E se nota que certas soluções que foram sendo encontradas pelo pessoal da Engenharia foram adotadas pela Administração, pela Psicologia, pela Educação, e assim por diante. Quer dizer, a troca entre os grupos ocorreu. Então, se se chegar um dia a uma solução mais ou menos padrão da Universidade, ela surgiu, como surgiu a própria Secretaria de Educação a Distância, da base, surgiu das iniciativas plurais.

Inclusive, adotamos como *slogan* da Secretaria da Educação a Distância a palavra *unidiversidade*. A universidade trazendo a idéia de universo, e, se se pensar em termos de século XXI, o universo é a diversidade, a complexidade. Não dá para trabalhar como se houvesse uma só saída.

PROFESSOR LUIS ROQUE KLERING - Nos fóruns, sempre se considera que os professores são muito autônomos com respeito às suas idéias; ao mesmo tempo que, também, nunca são colocadas soluções fechadas, mas, sim, oferecidas opções para os professores escolherem livremente. Se eles escolherem as soluções que nós disponibilizamos via editais na Universidade, melhor, mas, se eles optarem por outra solução, eles têm essa liberdade. Cria-se, de fato, uma massa crítica bastante positiva no sentido de se buscar avanços crescentes.

O que se poderia ver, olhando um pouco para frente, no campo do ensino a distância, na forma de rumos, agora sendo Diretor do MEC na área de ensino a distância? O que se pode perceber como sendo necessário enfocar ou para onde se direcionar no campo do ensino a

distância, considerando também a importância estratégica que essa tecnologia tem para a melhoria do ensino e até a forma de ensino? Até porque, de repente, teremos menos salas para aulas presenciais e um outro tipo de estrutura mais virtual. O que vem mais pela frente que se possa perceber?

PROFESSOR SÉRGIO FRANCO - Num futuro longínquo, eu diria que vamos acabar a distinção entre ensino a distância e ensino presencial. A própria tecnologia vai invadir a educação presencial, não existe educação exclusivamente a distância, precisa-se, em determinadas áreas menos e em determinadas áreas mais, o contato presencial, que é importante no processo pedagógico, em especial o formativo - na educação continuada nem tanto, mas no processo formativo ele ainda é muito importante. Temos soluções tecnológicas cada vez mais aprimoradas, em que a presencialidade pode vir a acontecer mesmo sem a presencialidade física. Acho que estamos caminhando para isso, temos até situações de vídeo-conferência com muito mais qualidade e interação do que se tinha há tempos atrás.

Agora o Governo Federal está colocando como prioridade o ensino a distância na graduação, e, em termos mais próximos, o caminho que se está direcionando é nesse sentido. O Brasil tem uma carência enorme de formação de pessoas com nível superior, e a principal necessidade hoje é a formação de professores nas escolas, onde há uma falta enorme. No modelo atual, mesmo com todo o aumento que houve em cursos nas universidades privadas e mesmo o aumento de vagas nas universidades públicas, que foi significativo nos últimos dez anos, não se consegue dar conta da necessidade de professores que há. Por exemplo, só na área de professores de Física, a carência hoje é de mais ou menos 25 mil professores, e nos últimos 10 anos não se conseguiu formar mais de 3 mil professores. Não há como dar conta disso pelo modo convencional. Então, a educação a distância parece ser estratégica nesse sentido. E, para isso, tem-se que buscar soluções.

E hoje o MEC está trabalhando também adotando a estratégia da UFRGS de fazer estágios, porque não se pode determinar que tal universidade fará determinado curso. Não. O Brasil é muito diversificado. Precisamos apoiar a diversidade, precisamos desenvolver pedagogias diferentes, não se pode importar pedagogias, necessita-se de pedagogias próprias. Tem que se dar margem para esses momentos acontecerem.

Claro que, e essa discussão está-se iniciando no MEC, é preciso saber como isso se repercutirá no orçamento da universidade, pois, no momento em que a universidade optar por ter curso a distância, precisará aumentar as suas vagas, aumentar o número de professores, precisará ter mais recursos para isso. Educação a distância não é barata, como muitas vezes se

pensa. Há um custo bastante alto, mas um alcance bastante grande. E essa é a grande vantagem. Para se poder formar professores, não há a necessidade de ir lá no interior do Amazonas, podemos ir para a Região Sul do Rio Grande do Sul, para a Região Noroeste do Rio Grande do Sul, que são regiões com uma carência bastante grande, e existem universidades regionais lá, comunitárias, mas que não dão conta de toda a necessidade que há. Pode-se percorrer todos os lugares, Região Nordeste, Sertão Nordestino, Amazônia, Pantanal, o interior de Minas Gerais ou da Bahia, que são áreas complicadas. Em todo o Brasil temos necessidades muito grandes de formação de pessoal, e não só na área dos professores: há o interesse das estatais, por exemplo, bancos estatais, empresas estatais, de formarem os seus quadros não só em nível de educação continuada, mas também de graduação.

Na área de administração, por exemplo, deve sair em breve, algo no sentido de chamar as universidades para uma formação maciça nesta área para dar conta de um conjunto de estatais, que necessitam formar seus quadros, e não formar os quadros que já estão, mas formar quadros novos. Não adianta formar os que já estão em salas de aula, precisa-se formar novos professores, porque faltam professores nas salas de aula.

PROFESSOR LUIS ROQUE KLERING - E exige-se um perfil diferente dos que lidam com ensino a distância. Diz-se que para uma aula de ensino a distância se precisaria 40 de preparação. E, do aluno, exigir-se-á maior disciplina, maior responsabilidade, maior envolvimento, que é diferente do que só se colocar fisicamente numa sala de aula; e do professor de ensino a distância, exigir-se-á muito mais preparação prévia, materiais organizados anteriormente. Exigem-se tanto um professor quanto alunos diferentes, e uma diminuição, como nós mesmos dentro da Universidade sempre falávamos, das distâncias entre as ilhas de excelência e também das áreas que praticamente não têm acesso à tecnologia, seja pela cultura ali vigente, pela forma de valorização de opções de ensino. O que precisamos é preencher espaços, ocupar espaços que ainda não estão devidamente ocupados para então se poder melhorar e ampliar o alcance do ensino via tecnologia do ensino a distância. Há um caminho bastante largo ainda a ser preenchido, trilhado.

PROFESSOR SÉRGIO FRANCO - Falaste uma palavra importante: diferença. É muito comum, quando se fala em educação a distância, que digam que educação presencial é melhor ou é pior. Não é uma questão de melhor ou pior. Eu tenho convicção de que existem situações presenciais que são insubstituíveis, como existem situações do ensino a distância que são insubstituíveis. São duas formas diferentes de se trabalhar educação.

Não se pode encarar como situações concorrentes. Quando se fala da situação da pós-graduação, dizem que tem que haver imersão acadêmica. Sim. Não há como fazer Pós-Graduação *Stricto Sensu* sem imersão acadêmica, mas essa imersão acadêmica precisa ser durante todos os dois ou quatro anos do mestrado ou do doutorado? Ela não pode ser menor? Qual o ganho que se tem em processos de educação a distância? Sabe-se que há vários ganhos. Há teses da Pós-Graduação em Informática na Educação, e não só lá, na Engenharia, na Administração, na Informática, discutindo a questão da educação a distância, e percebe-se ganhos enormes no acompanhamento do aluno, nas possibilidades de trocas mais intensas, que, às vezes, não acontecem em salas de aula presenciais. Ao mesmo tempo em que existem situações em que há a necessidade do presencial - e eu tive há pouco uma aluna num Pós em Informática na Educação que, na medida em que a discussão ia acontecendo, ela parava e dizia: "Como se pode fazer isso a distância? Não dá!". E hoje ela é responsável pela Educação a distância numa universidade aqui no Rio Grande do Sul. Realmente, aquilo que se fazia ali não dava, mas há outras coisas que dá.

A tendência é que a distinção desapareça não porque uma vai engolir a outra. Não. O professor vai continuar sendo importante, a situação presencial vai continuar sendo importante. E há situações que não precisam ser presenciais, mas também não dá para pensar, quando se faz educação a distância, no simples passar uma instrução.

O que se tem investido aqui na UFRGS, que eu acho fundamental, é a compreensão de que a educação a distância é fundamentalmente um processo de comunicação a distância, porque educação é fundamentalmente comunicação.

A grande contribuição de Paulo Freire para discutir a questão da educação é que educação é fundamentalmente diálogo, porque, usando as palavras dele, "ninguém educa ninguém", e ninguém se educa sozinho, nos educamos na troca, e diálogo é exatamente a possibilidade de educação. Se essa comunicação é por vídeo, ou por *chat*, ou por fórum, ou é presencial, não interessa, pois são formas diferentes de se comunicar. O importante é garantir a comunicação. Nem na sala de aula presencial, nem na sala de aula a distância; não se deve reduzir a educação a mera instrução.

Penso que é por aí que vamos caminhar. Tenho um otimismo bastante grande. Sempre com o pé no chão, mas uma esperança de que realmente vamos conseguir grandes avanços, e o Brasil tem muito a ensinar para o mundo todo sobre educação a distância.

PROFESSOR LUIS ROQUE KLERING - Interessante é que a plataforma que nós desenvolvemos inicialmente estava direcionada para ser usada para ensino a distância e atualmente ela está sendo usada 90% para ensino presencial, para apoio aos professores, que, aos poucos, vão percebendo que a estrutura ajuda no controle dos alunos, controle no sentido de acompanhamento, na organização da aula.

E um aspecto que acho que vai ser realmente estratégico na mudança, numa inflexão, é que, neste processo de construção do conhecimento, o professor, em relação à aula normal, sempre se valia de materiais físicos, livros, xérox; e na nova forma ele é pressionado a construir, elaborar e a desenvolver o seu material e se torna, na visão do Paulo Freire, alguém muito mais pró-ativo, ele tem que ser autor. Penso que isso vai gerar uma transformação profunda na universidade na medida em que os professores vão ter que ser, dito de forma informal, menos "papagaios" de outros, de literatura de fora; e mais construtores de conhecimento não próprio, mas a partir daquilo que vem pelas experiências, pela construção em sala de aula.

No meu modo de ver, a tecnologia é meramente um meio para se alcançar um objetivo, um fim, que é muito mais nobre, que é efetivamente o da construção de um conhecimento, mas mais calcado em experiências próprias, de construções próprias e não meramente copiadas de fora. As salas de xérox ainda estão lotadas de gente tirando cópias de livros e apostila; mas, via plataformas, já se tem acesso a acervos digitais; na EA/UFRGS, já se tem mais de mil horas gravadas de entrevistas, de apresentações; organizam-se bibliotecas virtuais de apoio; e os professores geram seus próprios materiais de ensino. Acho que isso vai gerar um resultado melhor, vai ser de fato o efeito maior da opção por mais tecnologia que nós chamamos de ensino a distância, usado tanto no ensino presencial quanto no a distância propriamente.

PROFESSOR SÉRGIO FRANCO - Realmente, acho que nunca se discutiu tanto a pedagogia como hoje. Vê-se que áreas que normalmente não tinham o que discutir em termos de pedagogia hoje estão discutindo, porque se muda a atitude, quer dizer, não se pode mais se basear na nossa experiência prévia de aluno para dar aula, porque é uma realidade nova, temos que construir algo novo.

Por isso que vejo com muito otimismo e acho que realmente vamos caminhar para um processo de desenvolvimento realmente muito bom, de muita qualidade e de inovação mesmo. E o importante: uma inovação com a nossa cara.

PROFESSOR LUIS ROQUE KLERING - E agora estás atuando de uma forma ainda mais ampla, estratégica, na área, em Brasília, sem esquecer a nossa Universidade, levando a experiência para mais longe.

PROFESSOR SÉRGIO FRANCO - De certo modo, eu diria que fui convidado a assumir este Departamento de Políticas de Educação a Distância na Secretaria de Educação no MEC em função deste trabalho que vínhamos fazendo aqui e espero levar a nossa experiência de articulação, agora não mais uma articulação entre pequenos núcleos internos, a situação institucional, porque fazer educação a distância num País como o Brasil exige não só uma articulação com as universidades, mas uma articulação com os sistemas de ensino, com coisas que a gente até esquece quando está na universidade, com as Forças Armadas, por exemplo. Tive um contato muito bom com o pessoal do Exército há pouco tempo, em que se fez um acerto da disponibilização da estrutura do Exército de comunicação para educação a distância, seja em nível superior, seja na educação profissional, seja no ensino médio e fundamental. Quer dizer, as estatais, as empresas, os sistemas privados são parcerias importantes.

Fazer educação no Brasil e mais especificamente educação a distância implica articulação. Sozinho ninguém consegue fazer mudanças num país gigantesco como o Brasil. Nenhuma universidade vai fazer um curso que possa causar diferença no Brasil se pensar nela sozinha. Ela tem que se articular, no mínimo com o sistema de ensino local, se não com outras universidades, com empresas, com instituições governamentais ou não governamentais.

É por aí que estamos pensando em atuar e estamos com condições de plantar algumas sementes neste processo.